

18-01-2024

O Método de Ramazzini (V)

As Doenças dos Lavradores

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Companheiros, no momento atual, conversar sobre as “Doenças dos Lavradores”¹ (2016, p.205-11) reveste-se de maior indignação diante de dois fatos recentes: a aprovação da [Lei 14.785](#), de 27/12/2023, praticamente imposta pela bancada ruralista (com vetos parciais arduamente inseridos), e a comemoração do [superavit](#) da balança comercial em 2023 ‘assentado’ em soja, milho e petróleo. Os argumentos daqueles vetos poderiam se valer das palavras de Ramazzini, citando Virgílio²: “*Oh! Lavradores, quão felizes seriam se conhecessem sua fortuna!*”. *Seria, talvez, uma verdade para aquelas primitivas gentes que lavravam com seus bois os campos paternos, mas não para os camponeses de nossa época que lutam no campo, com eterno labor e muita miséria. Pleurites, peripneumonias, asma, cólicas, erisipelas, oftalmias, anginas, dores de dentes e cáries dentárias são as doenças que atacam a gente rústica* ao norte da Itália, decorrentes de *duas causas ocasionais: o ar e a má alimentação*. E também *febres, caquexia* [emagrecimento e fadiga graves e multicausais], *hidropisia* [inchaço generalizado], paralisia e outras.

Pontuando a significativa diferença entre os camponeses de antes de Cristo e os do século 17/18 - aqueles lavrando a terra de sua propriedade para sustento familiar - e estes “que lutam no campo em eterno labor e muita miséria” - leciona sobre a perda de terras das gentes do campo submetidas a sucessivas invasões bélicas e tomadas forçadas pelo avanço da agricultura ‘lucrativa’, conhecida hoje por agronegócio. Nos passos de seu [Método](#), revela: a historicidade dos processos de trabalho e do adoecimento; a epidemiologia dos agravos nas variações regionais, sazonais, climáticas ao descrever os processos de trabalho no cultivo do cânhamo, do linho, na horticultura, dos ceifadores e jardineiros; e das diferenças de gênero: na maceração do *cânhamo e linho em águas pantanosas*, as mulheres *submergem até a cintura em lagoas e tanques para retirar e lavar os feixes de cânhamo* e morrem precocemente nesses *sórdidos misteres* devido ao *mefitismo* e à *obstrução dos poros*, sendo acometidas também de histeria [somatizações] pelos odores do cânhamo macerado. E menciona Hesíodo³, que já condenava a adubação com esterco, “*preferindo a salubridade à fecundidade*”.

Antes de Cristo, com adubos naturais, buscava-se a aceleração do crescimento das plantações para ampliar a oferta de alimentos com o aumento das populações. No Brasil do séc. 21, ainda à espera da reforma agrária, venenos ampliam a produção alimentando cofres privados e o PIB (Produto Interno Bruto) e intoxicam trabalhadores do campo, que permanecem famélicos. Soja e milho - componentes de diversos alimentos ultraprocessados, rações animais e biocombustíveis - são *commodities* para exportação. Ramazzini ficaria indignado com o cinismo da bancada ruralista, dentre outros, no refrão “*Não há evidências científicas que comprovem prejuízos à saúde quando usados adequadamente.*” Cinismo que começa no proponente (Senador Blairo Maggi) do [PL do veneno](#), gigante mundial da soja, ‘avança’ no eufemismo de designar os venenos por defensivos e na flexibilização nos registros de uso dos mesmos.

A [Lei 14.785](#), de 27/12/2023, conquistou a denominação de “agrotóxicos” e a exigência de registro pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), Ibama (Instituto Brasileiro do Meio-ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e MAPA (Ministério da Agricultura e Pecuária).

Falta avançar no banimento de agrotóxicos já proibidos em outros países.

A ação danosa de ervas, fungos e insetos ocorre na agricultura em larga escala com monoculturas, o que a torna dependente de pesticidas, criando resistência progressiva com necessidade de maiores doses e de produtos mais agressivos. O “celeiro do mundo” enche cofres de indústrias químicas das potências econômicas mundiais comprando os produtos - proibidos por lá (como glifosato e atrazina) - que envenenam alimentos, nosso ar, terra e águas. O glifosato (o mais vendido no Brasil) é classificado como “provavelmente cancerígeno” pela Agência Internacional de Pesquisa sobre o Câncer (IARC). O atrazina, muito usado no cultivo do milho, associa-se à Doença de Parkinson, infertilidade e cânceres de próstata/ovário.

Nas camponesas, a exposição a agrotóxicos aumenta o risco de dano genético e de câncer (p.ex.: leucemia aguda) em crianças menores de dois anos.

Os agrotóxicos atingem homens e mulheres na pré-concepção, fecundação, desenvolvimento fetal e neonatal, podendo resultar em abortos espontâneos, prematuridade, baixo peso, anomalias congênitas etc ([Abrasco](#), 2023).

Que indicadores epidemiológicos ainda são necessários para que se afirme que não há veneno agrícola seguro? O que mais é preciso para se ter certeza de que muitos lavradores na atualidade são aliciados pela escravidão contemporânea e, pouco ou nada letrados, sequer podem compreender rótulos e manuais de produtos, expondo a si mesmos, familiares e meio-ambiente aos venenos? Nem mesmo dispor de água para beber, se banharem e lavarem roupas... Cerca de 240 mil recém-natos morrem anualmente por distúrbios congênitos (DC) nos primeiros 28 dias de nascidos; e outros 170 mil morrem entre 1 mês e 5 anos. Nove em cada dez dessas crianças são de países de baixa e média renda. Os DC graves mais frequentes (cardíacos, tubo neural e síndrome de Down) decorrem de causas diversas (genéticas, infecciosas, nutricionais e ambientais) e alguns podem ser prevenidos por vacinação, tratamento de infecções, suplementação alimentar, “*redução ou eliminação da exposição ambiental a substâncias perigosas (como metais pesados ou pesticidas) durante a gravidez*”. Neste aspecto, já em 2010, na 63ª Assembleia Mundial da Saúde, os Estados-Membros (Brasil inclusive) “*acordaram fortalecer a pesquisa sobre as principais doenças congênitas e promover a cooperação internacional para combatê-las*” (Organização Mundial da Saúde-OMS, 2023). Em 2021, quatro gigantes da agroquímica respondiam por 55% das vendas mundiais: [Syngenta](#), [Bayer CropScience](#), [BASF](#) e [Corteva](#). Ao clicar nos links, entende-se o potencial da comunicação no mundo contemporâneo e a desfaçatez na exploração predatória de nossa terra e água. Exploração que *oculta* intoxicações de trabalhadores rurais, pesquisas que comprovam *contaminação da água* por produtos químicos e radioativos e presença de *agrotóxicos no leite materno* em Mato Grosso.

A aliança das gigantes globais agroquímicas e agroindustriais - sob o compadrio dos Estados - produz adoecimento, morte, incapacidades e os decorrentes gastos. Quantas mais evidências científicas são necessárias para que venenos deixem de ser utilizados?

Não seria mais ético – humano - interromper seu uso e investir em vigilância da saúde do trabalhador?

Não lhes parece que a OMS, a IARC e a Organização Internacional do Trabalho deveriam intervir - exigindo o cumprimento de acordos internacionais - para interromper a cadeia de propagação de anomalias congênitas decorrentes da exposição a agroquímicos?

■ ■ ■

Referências: ■ Vasconcellos LCF, Gaze R. *Saúde, trabalho e ambiente na perspectiva da integralidade: o método de Bernardino Ramazzini*. *Revista Em Pauta*, 32(11):65-88. 2013; ■ Ramazzini, B. *As Doenças dos Trabalhadores*. Trad. Raimundo Estrêla. 4 ed. São Paulo: Fundacentro. 2016.

Notas: 1. “*Le malattie dei contadini*” (título na edição italiana) é mais apropriado à descrição desses ofícios. *Contadino* (contraposto de *citadino*) é quem reside no campo e labora na terra por conta de um patrão. 2. Poeta romano (70 a.C. – 19 a.C.). 3. Poeta e historiador grego, séc. VIII a.C.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.